

Resenha

PAIVA, Denise. *Era outra história: política social do governo Itamar Franco 1992-1994*. Juiz de Fora: Editora UFJF/FAP, 2009, 293 p.

Pedro A. Ribeiro de Oliveira*

Quando Itamar Franco assumiu a Presidência da República, ouvi uma analista da política que respeito muito – minha irmã Isabel – afirmar que “ele estava formando o melhor governo possível no momento”. Passados apenas quinze anos, porém, seu governo parece ter caído no esquecimento da população, como se apenas tivesse feito a transição entre Collor e FHC. Desse período ficou a imagem de Itamar como o presidente que preferia o velho fusca, inventou a “carta social” e que fez no Planalto a “república do pão-de-queijo”. E assim, ficou na memória popular uma imagem esmaecida de Itamar: uma figura simpática, mas irrelevante na política nacional.

Essa imagem simplista foi agora radicalmente contestada pelo minucioso trabalho de pesquisa de Denise Paiva, cujo livro mostra sua importante contribuição para o processo de democratização do país, depois de vinte anos de ditadura militar, seis anos de clientelismo comandado por Sarney e dois anos de descalabro moral de Collor. Com o governo Itamar começou a ser construída uma relação respeitosa entre o poder executivo e a sociedade civil, tendo sido colocado em prática o preceito constitucional de participação cidadã. Essa experiência pioneira de democracia participativa certamente desagradou os *donos do poder*, para os quais as decisões políticas devem ser tomadas em seus pequenos círculos de influência e depois referendadas por um Congresso submisso. Por isso, penso eu, antes que o povo tomasse gosto pela experiência democrática, os veículos que orientam a opinião pública trataram de diminuir a figura de Itamar, para que seu governo não servisse de exemplo a quem o sucedesse. E assim foi ...

Tendo assumido interinamente a Presidência da República em outubro de 1992, em consequência do êxito do *Movimento pela Ética na Política* que exigia do

* Sociólogo, professor no Mestrado em Ciências da Religião da PUC-Minas e membro de ISER-Assessoria. Correspondência para/Correspondence to: Pedro A. Ribeiro de Oliveira, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Instituto de Filosofia e Teologia, Av. 31 de março 577, Dom Cabral, CEP 30535-610, Belo Horizonte, MG, Brasil. E-mail: <pedror.oliveira@uol.com.br>.

Congresso o impedimento de Collor, o vice-presidente Itamar Franco foi empossado no final de dezembro para terminar o mandato. No total, ocupou a Presidência da República por 27 meses. Mas aproveitou esse tempo para tornar a luta contra a fome e a miséria uma política de Estado. E o fez em profunda sintonia com os setores organizados da sociedade brasileira – e não em lugar deles. Esta não foi uma tarefa fácil, porque a tradição populista de Vargas, a política de cooptação do regime militar e o clientelismo revigorado pelo governo Sarney levaram os movimentos e organizações que lutam pela cidadania a desconfiarem de toda e qualquer iniciativa governamental. A leitura atenta de “*Era outra história*” nos leva a entender justamente o difícil processo de superação dessa desconfiança, na medida em que se cria um espaço de colaboração entre Estado e Sociedade para tirar o combate à fome e à miséria do campo assistencial e levá-lo para o campo dos direitos de cidadania. Nesse processo emerge a primeira experiência brasileira de democracia participativa em âmbito nacional.

Denise Paiva usa o método da *história oral* para reconstruir esse processo. Excelente entrevistadora, ela incentiva as pessoas a narrarem os fatos mais relevantes para a nossa compreensão, desde os meandros da burocracia, até as circunstâncias nas quais eram tomadas as decisões finais. A Autora – naquela época Assessora de Assuntos Sociais da Presidência da República – atribui muita importância à personalidade do Presidente, mas não deixa passar em branco uma análise do contexto político do seu governo. Tendo iniciado sua carreira no MDB, Itamar foi eleito vice-presidente pelo PRN – uma legenda eleitoral “de aluguel” como outras – e por isso governou sem dispor de uma base partidária própria. Aí reside a chave de explicação do seu governo. Sendo impotente diante do poder econômico que o havia escolhido vice-presidente numa chapa que hoje chamaríamos neoliberal, Itamar nem tentou retirar a política macroeconômica das mãos dos representantes dos empresários e banqueiros. Tratou de concentrar sua (pouca) força política na implementação dos direitos constitucionais de cidadania.

Em lugar de seguir o caminho depois trilhado por FHC e Lula – usar o clientelismo e a barganha por cargos como meio de ascendência sobre o Congresso – Itamar optou pelo respaldo da sociedade como meio de pressionar o Legislativo. É preciso lembrar-se que a sociedade brasileira vinha de um período no qual as mobilizações sociais haviam conquistado importantes vitórias

políticas: a campanha das *Diretas já* não conquistara seu objetivo específico, mas desmoralizou o regime militar; os movimentos sociais venceram a resistência do *centrão* e inscreveram importantes direitos sociais na Constituição de 1988; e o movimento pela *Ética na Política* derrubou o esquema de corrupção instalado no Palácio do Planalto. Ao convidar lideranças nacionais para partilharem as decisões sobre sua política social, Itamar Franco assumiu um risco: abrir mão de parte de seu poder, sem receber em troca o apoio incondicional dessas pessoas ao seu governo. De fato, Betinho, D. Luciano Mendes, D. Mauro Morelli e outros integrantes da *Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida* colaboraram com o governo, mas sempre mantiveram uma distância crítica, pois para eles o poder executivo estava apenas cumprindo seu dever constitucional.

Essa tensão criativa entre Movimentos Sociais e Estado foi vivida por Denise Paiva muito antes de tornar-se objeto de pesquisa histórica. Os depoimentos por ela colhidos ilustram os percalços e armadilhas escondidos no percurso, mas trazem também exemplos extremamente animadores, que não podem jamais ser esquecidos. Ao leitor e à leitora caberá o prazer de descobri-los e sobre eles refletir. Para mim, a melhor lição do livro foi mostrar que é politicamente mais eficaz o apoio de pessoas da estirpe do Betinho, do que de ACM e Sarney – como, infelizmente, vimos fazerem os sucessores de Itamar.

Recebido em 15/12/2009, aprovado para publicação em 13/09/2010.